



## AS AÇÕES DE GETULIO VARGAS E PEDRO LUDOVICO NO TERRITÓRIO GOIANO: GOIÂNIA E A MARCHA PARA O OESTE.

Genilder Gonçalves Da Silva

Marcelo de Mello

**Palavras- chave:** Getúlio Vargas; Pedro Ludovico; Território; Goiânia; Marcha Para O Oeste.

### Introdução

O presente texto visa compreender como aconteceu a relação - aproximações e distanciamentos - entre dois personagens importantes na história nacional e regional: Getúlio Vargas e Pedro Ludovico. O foco é promover a compreensão, por meio da pesquisa, dos processos que promoveram a construção de Goiânia, sobretudo, a partir da transferência da capital, em 1937 e os aspectos discursivos da Marcha para o Oeste.

### Desenvolvimento

Buscando compreender os processos que promoveram a construção de Goiânia, sobretudo, a partir da transferência da capital, em 1937 e os aspectos discursivos da Marcha para o Oeste, somos convidados a investigar essas iniciativas vinculadas a gestões autoritárias e a discursos progressistas, que ao longo da história foram sobrepostos. Essa preocupação é fundamental na investigação dos discursos e nas práticas de Ludovico e Vargas. A afirmação: “para mim a Marcha para o Oeste era a grande solução para o Brasil”, feita por Pedro Ludovico, indica como os discursos do interventor goiano se aproximavam das falas de Getúlio Vargas. Especificamente, no que se refere à relação discursiva estabelecida no momento da transferência de Goiânia e os discursos sobre a Marcha para o Oeste, percebemos a existência de imprecisões produtoras de distorções representativas.

Para o exame das iniciativas promovidas por Vargas e Ludovico no território destacamos a questão das escalas de suas ações: após a Revolução de 1930, o primeiro torna-se Chefe de Estado e o segundo interventor do estado de Goiás. Nesta perspectiva, entendemos que para se firmar como interventor em Goiás, Pedro Ludovico privilegiou a construção de uma nova cidade-capital para o estado, com o intuito de romper uma estrutura oligárquica.

Getúlio Vargas, na condição de Chefe de Estado, apoiou o projeto de transferência da capital goiana apresentado por Pedro Ludovico. Podemos afirmar que ambos lograram êxito na produção de marcas para seus governos, pois foram quinze anos de governabilidade ininterruptos, de 1930 a 1945. Ambos retornaram ao poder executivo, em 1951, para permanecerem, aproximadamente, por mais quatro anos em seus respectivos cargos: Vargas, como Chefe de Estado, e Ludovico, como governador de Goiás.

Ao longo desse período, os dois cristalizaram marcas frequentemente lembradas e revividas; discutidas e reinterpretadas. Por esta razão, é correta a avaliação de Maciel (1996) e Mello (2009), que situam Vargas e Ludovico como responsáveis por ações significativas na reprodução do território goiano e brasileiro. O território a que nos referimos é apresentado por Moraes (2002): "Um resultado histórico do relacionamento da sociedade como o espaço, o qual só pode ser desvendado por meio do estudo de sua gênese e desenvolvimento. Tal concepção resgata o diálogo da geografia com a história." (MORAES, 2002, p. 63). O caráter processual na produção de um território faz com que este conceito ocupe uma posição destacada em discussões historiográficas, geográficas, sociológicas, dentre outras.

Obviamente, pela importância assumida pela nova capital goiana, erguida na gestão de Pedro Ludovico, bem como das Colônias Agrícolas, implantadas sob o comando de Getúlio Vargas, muitos pesquisadores realizaram estudos sobre o contexto e a conjuntura destas produções territoriais, marcadas por aproximações e distanciamentos.

## **Considerações Finais**

Goiânia, em nosso entendimento, não foi atrelada a nenhum programa de migração do governo federal. Nos vários atos em torno da construção de Goiânia - desde o anúncio de Pinheiro Chagas, até o 'batismo cultural' - não presenciamos a idéia de



que a nova capital serviria para descongestionar a população de outras áreas urbanas do Brasil.

A nova sede administrativa do estado de Goiás não fez parte de programas para estimular a migração de sulistas, nordestinos ou mineiros. Sabemos, sim, que Goiás era pouquíssimo povoado no momento das primeiras edificações na nova Capital. Inclusive, havia dificuldades relativas à mão-de-obra necessária para construir a cidade. Pessoa (2009), ao abordar a questão da migração em Goiás, revela o seguinte cenário: "Nas décadas de 1920 e 1930, Goiás já atraía intenso fluxo migratório, em especial pela fertilidade das terras e pela riqueza florestal da microrregião do "Mato Grosso de Goiás (onde está localizada a área da Cang). Vieram somar-se a essas características puramente naturais em 1933 a fundação da nova capital do estado – Goiânia. Ainda em 1935, Estrada de Ferro Goiás, partindo do Triângulo Mineiro chegava a Anápolis. Com isso, em 1940, Goiás já era a terceira unidade da federação em recebimento de migrantes: 18,9% de sua população eram naturais de outros estados. A população do "Mato Grosso de Goiás", por exemplo, em 1940, contava com 200 mil habitantes – 150 % a mais que em 1920. (PESSOA, 2009, p. 179).

O discurso de Getúlio Vargas, pronunciado no Palácio do Governo, em Goiânia, no dia 7 de Agosto de 1940, por ocasião de sua visita à cidade, Vargas evidenciou que foi a Revolução de 1930 a promotora da construção de Goiânia, a partir de um "movimento de revigoração nacionalista". Vargas explicou as razões do Estado Novo, "dar forma política às tendências profundas da nacionalidade"; ele atribuiu sentido ao Estado Nacional, afirmando que "a civilização brasileira tomou o caminho dos paralelos, restaurada nas suas raízes históricas." Getúlio Vargas valorizou o Planalto brasileiro, como sendo o "miradouro do Brasil".

Na ocasião, foi enfatizada por Vargas a riqueza mineral do Brasil, objetivando-a "necessárias ao progresso"; destacou o amparo do poder público, valorizando o "empenho progressista", para "construir - diria melhor - improvisar" uma cidade, "a segunda do Brasil edificada de acordo com um moderno plano urbanístico". O Chefe de Estado evidencia, ainda, a existência de escalas no processo de gestão do território:

A visita que ora vos faço é prova de uma concepção renovadora da Pátria grande e forte. Torna-se imperioso localizar no centro geográfico do país poderosas forças

capazes de irradiar e garantir a nossa expansão futura. Do alto dos vossos chapadões infindáveis, onde estarão, amanhã, os grandes celeiros do país, deverá descer a onda civilizadora para as planícies do Oeste e do Noroeste.

Afinal, quando Goiânia passou a existir? Em 1930, quando Pinheiro Chagas, em Vila Boa, anuncia a Revolução e a necessidade de transferência da capital goiana? Ou quando Pedro Ludovico, em 1932, segue para o Rio de Janeiro em busca do apoio de Vargas para transferir a capital goiana? Ou seria na sucessão de ações realizadas por Ludovico em 1933, 1935, 1937 e 1942, com vistas à consolidação da nova capital?

Concluimos que há na atualidade leituras equivocadas sobre o caráter processual que sobrepõe e superpõe escalas espaciais - ações de Vargas e Ludovico no território- geralmente percebidas de maneira linear e dissociada.

## Referências

ERTRAN, Paulo. O desbravamento do Brasil Central começou com a construção da cidade Goiânia, iniciativa de Getulio Vargas. In.: Revista História Viva Grandes Temas. O Brasil que Getúlio Sonhou. Ed. Especial temática. São Paulo: Ediouro, v.1, n. 4, ago. 2004. (Eletrônica).

ESTEVAM, Luiz. O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás. Goiânia: UCG, 2004.

SILVA, Ana Lúcia da. A Revolução de 30 em Goiás. Tese (Doutoramento) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

MACIEL, Dulce Portilho. Fundação Brasil Central: sua atribulada trajetória e o desenvolvimento do Centro-Oeste brasileiro. In.: Revista Plurais, v. 1, nº. 2, jan/jun 2005, p. 145-162.

MELLO, M. Brasília e seu entorno, o entorno e sua Brasília. Boletim Goiano de Geografia, v. 29, 2009, p. 127-202.

MORAES. Antonio Carlos R. Território e História no Brasil. São Paulo: HUCITEC, 2002.



Congresso Internacional de  
Pesquisa, Ensino e Extensão  
**CIPEEX**  
Ciência, Saúde e Esporte  
UniEVANGÉLICA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO



UniEVANGÉLICA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO



IV Simpósio Nacional  
de **Ciência**  
e Meio Ambiente



PPSTMA/UniEVANGÉLICA

PESSOA, Jadir de Moraes. A Colônia Agrícola de Goiás no aprendizado da itinerância. In.: Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil. São Paulo: Unesp, 2009, p. 175 a 192.

IBGE. GOIÂNIA. Coletânea especialmente editada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como contribuição ao batismo cultural de Goiânia. Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro: Serviço gráfico, 1942